

# REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

PEDAGOGIA, SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E INSTRUÇÃO PUBLICA

Sob os auspícios da Direcção Geral da Instrucção Publica  
do Estado do Pará

Director:— OCTAVIO PIRES

## Summario

- PEDAGOGIA — HYGIENE DOS INTERNATQS.
- SCIENCIAS — NOTAS CHRONOLOGICAS, pelo professor Bezerra d'Albuquerque
- METEOROLOGIA (*Continuação*), pelo Dr. A. Tavares.
- INGRATIDÃO, pelo professor Vilhena Alves
- LITTERATURA — A POESIA MODERNA, pelo Dr. Alvares da Costa
- INSTRUÇÃO PUBLICA — ACTA DA SESSÃO DO CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA, REALISADA EM 26 DE ABRIL DE 1891.
- MOVIMENTO DAS ESCOLAS PUBLICAS DO ESTADO

## ASSIGNATURAS

	Semestre	Anno
Capital . . . . .	6\$000	10\$000
Interior e Estados . . . . .	7\$000	12\$000

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se na Livraria Bittencourt  
rua 15 de Novembro

Escriptorio da Redacção:— Livraria Bittencourt

Correspondencia — Caixa do correio, 312  
Pará

PARA FEBRES e dores geraes—CAFÉ BEIRÃO.—Evita recahidas.

48—RUA DO ROZARIO—48

## Casa de Pekin

Armazem de Louças e Vidraria

44, R. do Cons. João Alfredo

TEMOS actualmente um primoroso sortimento de appparelhos de porcellana e cristaes para o serviço de mesa, vasos para flores, candieiros para cima de consolos e uma infinidade de objectos de luxo e de fantasia; por isso pedimos ao publico o obsequio de fazer suas compras em nossa casa, onde encontrará bonitos e bellos artigos por preços excessivamente modicos.

João Costa & C.<sup>a</sup>

**CAFÉ BEIRÃO** Remedio infallivel p'ra cura completa das SEZÕES. Evita a recaida.

Pharmacia Beirão. Rua do Conselheiro João Alfredo, proximo ao Jardim das Mercês, defronte do Hotel Central.

## Café Quinado "Navegantes"

(LICOR E PILULAS)

Approved pela Inspectoria Geral de Hygiene Publica dos Estados Unidos do Brasil  
Atestado e receitado por muitos facultativos

Remedio mais poderoso e infallivel para curar radicalmente em poucos dias as SEZÕES (calafrios ou ma-  
leitas), Febres intermittentes, Paludosas, Remittentes e Perniciosas; inflamações do figado, baço e intestinos.

Preparado unicamente na Pharmacia NAVEGANTES

DE  
NAVEGANTES PONTES & CORREA

50—Rua 15 de Novembro—50

—PARÁ—

# ATHENEU PARAENSE

Estabelecimento de Instrucção Primaria e Secundaria

SOB A DIRECCÃO DE

Raymundo Bertoldo Nunes

Continua a receber alumnos Internos, Semi-internos e Externos

**Successos de Junho** ou **O ultimo motim do Pará**  
Um volume com 218 paginas 2\$000.

Vende-se na redacção do «Democrata»

## Livraria "Bittencourt"

15, Rua Quinze de Novembro, 15

Novo Primeiro Livro de Leitura, pelo professor AUGUSTO PINHEIRO, aprovado pelo Conselho Superior da Instrucção Publica do Estado do Pará, e mandado adoptar nas escolas do mesmo Estado. E' um bonito volume impresso em magnifico papel, intercalado com finas gravuras, contendo 144 paginas, cartornado 1\$000 réis.

Grammatica Portugueza, de FELIPPE PINTO MARQUES. Um volume cartonado 1\$500 réis.

Magnifico sortimento de livros para Instrucção Primaria e Secundaria, encontra-se sempre na

Livraria «Bittencourt»

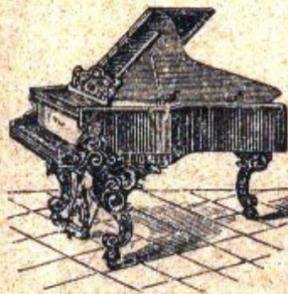
## CAFÉ BEIRÃO

Firmo Euzebio Dias Cardoso, Doutor em Medicina pela faculdade da Bahia e Medico da Intendencia Municipal de Belem, etc.

Attesto que em minha clinica tenho obtido magnificos resultados na applicação do — Café Beirão, — não me tendo falhado um só caso em que tenho empregado tão efficaz preparado, principalmente nas febres de origem palustre; o que attesto *in fide gradus mei*.

Belem, 22 de Outubro de 1890.

Dr. Firmo Dias Cardoso.



## ALBERTO FRENDE & C.<sup>a</sup>

Deposito de pianos e Musicas

Sortimento de magnificos pianos das melhores e mais acreditadas fabricas da Allemanha. Collecções completas de musicas dos melhores autores. Novidades constantemente.

Rua de Santo Antonio, 12

## A. DE OLIVEIRA & C.<sup>a</sup>

## PHOTOGRAPHIA OLIVEIRA

2, R. do Cons. João Alfredo, 2

RETRATOS pelos systemas mais aperfeçoados. Muita perfeição, nitidez e gosto artistico na execução technica dos trabalhos.

3 Premios mensaes aos seus freguezes

Sortimento constante de chapas de varias dimensões e de papel albuminado proprio para amadores.

## Cursos do professor J. de Brito Bastos

Est. de S. Jeronymo, 44

### Curso Particular

FRANCEZ—Terças, quintas e sabbados, das 8 ás 9 da manhã.

ARITHMETICA—Segundas, quartas e sextas, das 8 ás 9 da manhã.

ALGEBRA—Terças, quintas e sabbados, das 9 ás 10 da manhã.

GEOMETRIA—Segundas, quartas e sextas, das 9 ás 10 da manhã.

TRIGONOMETRIA—Quartas e sabbados, das 10 ás 11 da manhã.

### Curso Livre — Lyceu

ARITHMETICA—Terças, quintas e sabbados, das 3 ás 4 da tarde.

ALGEBRA—Segundas, quartas e sextas, das 3 ás 4 da tarde.

GEOMETRIA—Terças, quintas e sabbados, das 4 ás 5 da tarde.

TRIGONOMETRIA—Segundas e sextas, das 4 ás 5 da tarde.



RECEBEM-SE ANNUNCIOS

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR: — OCTAVIO PIRES

VOL. II — NUM. 3

PARÁ — BRAZIL

MARÇO DE 1892

## PEDAGOGIA

### HYGIENE DOS INTERNATOS

(Aos nossos directores de collegios)

#### II

#### DA EDIFICAÇÃO

Mostramos, em o numero passado da presente *Revista*, as vantagens dos internatos situados nos campos, e os prejuizos do seu estabelecimento no coração das grandes cidades. Agora vamos indicar o aspecto que devem apresentar, ou a configuração que devem receber, afim de que correspondam ao ideal da hygiene em taes edificações.

Até bem poucos annos, antes de ser o hygienista introduzido nos collegios de moradia, os predios utilizados n'este mysterio podiam referir-se, diz um escriptor, a tres typos: ou a construcção era em quadro, fechando pelos quatro lados um pateo ou recreio interno, como acontece na grande maioria dos conventos;—ou compunha-se de um corpo com dois appendices nas extremidades, affectando a fórma de um E: o que via-se quando era apropriado um hotel;—ou, enfim, o collegio era de uma unica fachada, direita, tendo ou uma varanda lateral ou um corredor interno de passagem para os diversos compartimentos, como succedia sempre que eram utilizados, para internatos, diversos predios de habitação particular.

Outros typos intermediarios ainda podiamos mencionar, participando ora mais de um, ora mais de outro dos já descriptos acima.

Por tres typos principaes o peor, hygienicamente falando, é o primeiro.

Com effeito, sendo o recreio collocado no centro da edificação, as altas paredes não só embaraçam a livre circulação do ar, que difficilmente ali se renova, como interceptam os raios solares, que lá penetram durante muito poucas horas, tempo sempre insufficiente para aquecer o solo e expellir d'elle a humidade. É, pois, um verdadeiro poço, com uma área inferior relativamente ampla, mas com uma altura por vezes bem elevada, sobretudo quando o edificio conta um ou mais andares superiores.

O segundo typo pouco se avanta ao primeiro: os mesmos inconvenientes persistem quasi sempre, e tanto mais, quanto mais extensos são os appendices, maximé se a orientação d'estes é de tal maneira feita que o sol, nascendo do lado de um, vá occultar-se por traz do seu fronteiro.

Dos tres typos o que melhores condições hygienicas offerencia é o terceiro, se de ordinario não buscou ganhar já em altura, já em largura do predio, o que é perdido em comprimento ou extensão. Esta disposição accumula muito os varios serviços nos diferentes compartimentos, que ficam ora sobrepostos, ora muito resumidos, como que se abafando reciprocamente.

A este ultimo grupo pertence, entre nós, o *Asylo de Santo Antonio*, que economisa não só em altura, pois que é construido de dois andares, um terreo e outro superior, mas tambem ganha em largura, como o demonstram os corredores internos, separando de um e outro lado diversos compartimentos.

O *Seminario do Carmo* é uma legitima derivação do segundo grupo: o corpo principal do edificio segue parallelamente á margem do Guajará; um dos appendices acha-se na extremidade que enfrenta o largo do Carmo; o outro

foi deslocado um pouco para a parte média do mesmo corpo, de maneira que o todo do predio tomou a fórma de um F invertido:—J.

Felizmente, para estes dois estabelecimentos, duas causas principaes concorrem para a não manutenção da humidade em seus recreios ou quintaes. A primeira, é a optima orientação d'estes abertos quasi francamente para léste, de modo que o sol nascente lava-os profusamente com a sua luz, desde ás 7 horas da manhã até ás 3 horas da tarde. A segunda, é a excellente posição geographica da nossa cidade, quasi á igual distancia dos tropicos, de sorte que a deslocação apparente do astro diurno nunca faz desviar inteiramente os seus raios ardentes do interior d'esses vastos pateos.

Outro tanto, porém, não acontece com o nosso *Collegio do Amparo*, que acha-se hoje pertencendo francamente ao primeiro e peor dos tres typos. Com effeito: a frente do edificio, pelo lado da rua de Santo Antonio; a fachada lateral, occupando, pela parte da travessa d'este mesmo nome, toda a largura do quarteirão, desde aquella até a rua dos Martyres; as casas particulares d'esta rua, que não é larga, pelo lado posterior do estabelecimento; e os predios a este contiguos pelo outro lado do mesmo quarteirão, entre as citadas ruas, limitam perfeitamente quatro faces do mesquinho pateo ou recreio, roubando-lhe o horisonte e transformando-o n'um verdadeiro poço. Não é tudo.

O sol percorre este edificio, composto de dois andares: um terreo e outro superior, em diagonal, projectando no recreio, até ás 10  $\frac{1}{2}$  horas da manhã, a sombra da construcção pela parte da travessa, e de 1  $\frac{1}{2}$  ou 2 horas da tarde em diante, a da frente do predio e casas visinhas. D'esta conformidade, o solo do pateo ha de manter sempre alguma humidade, por pouca que seja, pois que n'elle penetram apenas os raios perpendiculares do sol, durante tres horas sómente.

A remoção d'este internato de meninas e moças é hoje, mais do que nunca, da maior necessidade. Havemos de discutir esta questão sob todos os pontos de vista hygienicos.

Qual, pois, o melhor plano para a edificação de um internato, de accordo com o ideal da hygiene?

«O melhor plano seria, pois, aquelle que mais se approximasse da habitação particular, da casa de familia.

«Á vista d'isto, o melhor é adoptar-se o systema de pavilhões isolados, de um andar tão sómente, sufficientemente elevado do solo e sobre cavas, contendo cada um d'elles um pequeno numero de alumnos. Cada pavilhão deve ser separado do seu visinho por um espaço bastante largo para a livre renovação do ar, espaços estes atape-

tados de verdura ou adornados de jardins, que servirão ao mesmo tempo de fontes excellentes de ar puro, de agradável distracção á vista e de occupação manual de primeira ordem».<sup>1</sup>

Ultimamente, os grandes internatos dos paizes mais adiantados do globo são construidos segundo este plano, que lhes imprime a risonha apparencia de povoado ou arrabalde em ponto pequeno.

«Varios edificios separados (escreve Hippeau a proposito dos Estados-Unidos do Norte) tendo cada qual um destino especial: capella, aulas, bibliotheca, salão, gabinete de historia natural, collecções scientificas, são grupados em torno á morada do Director. Em volta d'elles, elegantes *cottages* (casinhas de campo) servem de habitação aos professores que n'ellas pódem entregar-se calmamente aos seus estudos de predilecção. Não longe do collegio, enfim, casas particulares, onde os alumnos fazem as suas refeições e repousam. Elles ignoram as contrariedades e sujeições da disciplina, acompanham os cursos dos seus lentes, estudam em horas que lhe são dadas e acham á mão todos os instrumentos de trabalho, comprados para elles por altos preços».<sup>2</sup>

«A escola ingleza (diz o mesmo escriptor) como a dos Estados-Unidos, é uma aldeia onde agrupam-se em torno do edificio principal as aulas, as bibliothecas, os museus, recreios. Não longe d'ahi, em elegantes *cottages*, residem os professores, que n'ellas recebem alumnos como pensionistas. Estes são assim conservados em familia e tomam as suas refeições com o mestre, sua mulher, mãe, irmãs, filhos.

«Este professor é o tutor, o substituto paterno, o director e o responsavel pelos estudos do alumno... Os alumnos não se reúnem senão na capella, para os exercicios religiosos, e nas aulas, para as explicações. Porém depois das lições, cada qual regressa á casa do mestre. O alumno é então dono do seu tempo, de que dispõe á vontade, sem o menor constrangimento. Todo o campo lhe pertence, todos os jogos são seus. Elle póde sair de casa e entrar quando bem lhe parecer. A unica restricção é a hora da lição, da refeição e oração, que tem logar ás 9 horas da noite, no verão, e no inverno, ao caír do dia.»<sup>3</sup>

P. Lacordaire transcreve á Sr.<sup>a</sup> Iwetchine a seguinte carta de um ex-alumno do lyceu de Dijon (França), escripta a um collega sobre os collegios inglezes:

<sup>1</sup> Riant, ob. cit., pag. 36.

<sup>2</sup> *A instrução nos Estados-Unidos.*

<sup>3</sup> *A instrução publica na Inglaterra.*

«É d'esta bella, grave, nobre e amavel cidade Oxford que vos quero responder. . . Aqui cheguei hontem á tarde, só e completamente perdido, porém tomado d'um prazer infantil por encontrar uma cidade sem fumaça e sem barulho, cheia de monumentos litterarios, uns gothicos, outros de estylo moderno, e com uma incrível profusão de pateos e porticos silenciosos, onde passeiam aqui e além jovens estudantes, de gorro e uma togasinha muito original. Passeio garbosamente por estas ruas calmas, entre estas bellas alas de arvores que bordam as margens de dois regatos, e não me recordo ter ainda visto coisa alguma que me causasse tão doce impressão. . . Todos estes collegios têm a sua entrada amplamente aberta, e o estrangeiro n'ella penetra como em um asylo pertencente aos que gostam do perfume das lettras e do bello. Cada um d'estes collegios é vasto, porém não demasiadamente habitado; a solidão augmenta-lhe a grandeza».<sup>4</sup>

## SCIENCIAS

### NOTAS CHRONOLOGICAS

#### V

ANNOS, MEZES, DIAS E SEMANAS, CONFORME A CHRONOLOGIA DOS POVOS ANTIGOS E MODERNOS

#### Considerações geraes.

Dizem os autores que a divisão do tempo em partes correspondentes ao movimento dos astros, é tão antiga, senão como a palavra, ao menos como a escripta.

As medidas naturaes do tempo, como o dia sideral, o dia solar, o mez lunar, o anno tropico, etc., tão exactas no rigor mathematico, não podem ser empregadas nos usos communs da vida sem previas modificações, porque a natureza não indica o começo de nenhuma d'essas medidas, nem as suas divisões ou subdivisões, deixando ao homem o arbitrio de tomar qualquer ponto da medida escolhida por principio, meio ou fim.

O dia sideral, por exemplo, que é uma revolução completa da terra, em torno de um dos seus diametros, pode começar a qualquer hora do dia ou da noite. O dia solar verdadeiro tanto pode contar-se da passagem apparente do sol pelo arco superior do meridiano, como pelo inferior; quer do limbo oriental do horizonte, quer do

occidental. A divisão do dia é arbitraria: podemos dividir-o em 2 partes, em 8, em 24, em 1080, em 1440, etc.

O anno pode começar no equinoxio da primavera ou do outono; no solsticio do inverno ou do estio, ou de quasquer outros pontos da ecliptica. A divisão do anno é susceptivel de variações indefinidas.

Para não deixarmos de falar na revolução synodica da lua, notaremos primeiramente que, pela regularidade das phases da lua, o mez lunar é preferivel ao solar; mas esse mez synodico pode ser contado tanto da conjuncção ou opposição, como do quarto crescente ou minguante.

A chronologia astronomica adoptou estas medidas como elementos infalliveis para calcular com exactidão os phenomenos celestes, avaliando-as do seguinte modo:

Dia solar medio.....	1,0027379=24 <sup>h</sup> 3 <sup>m</sup> 56, <sup>s</sup> 55
Dia sideral.....	0,9972695=23 <sup>h</sup> 56 <sup>m</sup> 4 <sup>s</sup> ,08
Anno tropico.....	365,24226=365 <sup>d</sup> 5 <sup>h</sup> 48 <sup>m</sup> 51 <sup>s</sup>
Anno lunar.....	354,36708=354 <sup>d</sup> 8 <sup>h</sup> 48 <sup>m</sup> 35 <sup>s</sup>
Mez lunar.....	29,53059=29 <sup>d</sup> 12 <sup>h</sup> 44 <sup>m</sup> 3 <sup>s</sup>

Deixamos para outro artigo os calculos relativos á comparação dos dias, sideraes, solares e civis medios; por agora basta saber-se que os astrónomos avaliam os tempos sideraes em tempos solares medios, e vice-versa. É d'esta forma que se deve entender os dias indicados acima; quanto ao anno tropico e os tempos lunares podem ser estimados de um ou de outro modo: os valores d'estes ultimos estão aqui expressos em dias solares medios.

Mas, ainda que a chronologia astronomica determine a grandeza das medidas do tempo, não pode fixar-lhes o começo, não só pelas razões que deixamos ditas, como porque certos phenomenos celestes não se reproduzem n'um mesmo ponto do céu, como as conjuncções lunares e o anno tropico.

E esse anno, em virtude da precessão dos equinoxios, não recomeça no mesmo logar da esphera celeste; sem ponto inicial vae percorrendo a ecliptica em sentido retrogrado até voltar no fim de 25.765 annos *ao mesmo logar convencionalmente fixado como ponto de partida*.

O dia sideral está sujeito ás mesmas vicissitudes.

Além d'estas irregularidades, accresse a impossibilidade de a chronologia astronomica fornecer medidas maiores que o anno ou medias entre o anno e o mez ou entre o mez e o dia, de sorte que é arbitraria a computação do tempo por medidas de especies maiores, menores ou medias em relação ás que a natureza nos offerece.

Assim, um quatriennio, um lustro, um decennio, um cyclo, um seculo, um semestre, um trimestre, uma quinzena, uma semana, etc., são medidas creadas pela invenção humana.

Outro inconveniente, e não menos grave que os pre-

<sup>4</sup> Lettres à madame Iwetchine (16 Mars 1832).

cedentes, consiste na complexidade da expressão numerica das medidas do tempo.

Os calculos mathematicos só podem determiná-las em numeros complexos, tão difficies para o povo reter na memoria as divisões e subdivisões d'essas medidas, como para empregal-os nos calculos dos usos vulgares.

Ora, não podendo a chronologia astronomica fixar o começo das medidas do tempo, nem determinar as suas divisões e subdivisões em partes aliquotas, umas das outras, afim de não se tornarem os calculos tão complicados, e sendo necessario que se removessem todos esses inconvenientes, não só para perfeita comprehensão dos phenomenos astronomicos, base premordial d'essas medidas, como para determinar com toda a clareza os tempos empregados em certos usos da vida, inventou-se um systema de computação, empregando sempre numeros inteiros, com tal artificio que, embora umas medidas não se contenham exactamente nas outras, devem ser expressas de modo a conservar o accordo que é necessario haver entre a linguagem chronologica vulgar e os phenomenos resultantes dos movimentos do sol e da lua.

\* Tal é o objecto da chronologia civil.

O accordo, porém, entre os movimentos dos astros e a expressão numerica, empregada vulgarmente para designar a duração d'esses movimentos, não é perfeito, senão mais ou menos approximado, porquanto os numeros inteiros que indicam o tempo que precisamos empregar, exprimem quantidade maior ou menor do que a duração real dos phenomenos considerados.

De facto: as fracções, que se devem acrescentar aos numeros inteiros ou supprimir d'elles para perfazer a quantidade que exprime com exactidão a grandeza das medidas do tempo, vão se accumulando até formar uma ou mais unidades da especie da medida applicada. N'este caso haveria completo desaccordo entre a natureza e a sciencia, se esta não tivesse prevenido uma tal eventualidade pelo emprego dos processos chronologicos, denominados equações solares e lunares, que revertem os factos habituaes aos seus respectivos tempos, restabelecendo assim a relação que sempre deve haver entre a grandeza do tempo e a sua unidade.

É certo que as medidas modificadas pela chronologia civil alteram sobre modo a exactidão mathematica, mas este principio de convenção, ao contrario da chronologia astronomica, satisfaz cabalmente as necessidades da vida, sem privar o homem de utilizar-se dos meios que a natureza lhe faculta para calcular o tempo verdadeiro e empregal-o no desenvolvimento da sua actividade.

A utilidade da chronologia civil foi reconhecida desde a mais alta antiguidade, todavia até hoje não se tem po-

dido chegar á uniformidade chronologia, isto é, ao estabelecimento de um systema de computação universal.

A este grande *desideratum* oppoem-se inevitavelmente diversas causas physicas e politicas.

A forma espherica da terra, a inclinação do seu eixo e as condições meteorologicas das regiões do globo, modificam de tal modo a parte do dia artificial ou *nictemeron*, chamado dia natural, que, excepto os dias do equinoxio, todos são desiguaes ás noites.

Os logares situados debaixo do mesmo meridiano têm a mesma hora, ao passo que os situados na linha este-oeste, isto é, em meridianos differentes, têm horas diversas, augmentando as suas differenças desde 0<sup>h</sup> a 12<sup>h</sup> para o oriente, e decrêscendo na mesma proporção para o occidente.

As differenças da hora local podem occasionar alteração aos dias do mez e da semana para dous logares dados em que se observe um phenomeno astronomico no mesmo momento physico.

O ultimo eclipse total da lua, observado n'esta capital no dia 15 de Novembro do anno passado, occorreu em Paris da seguinte forma:

Começo da totalidade, 11<sup>h</sup> 47<sup>m</sup> da noite do dia 15 (Domingo).

Fim da totalidade, 1<sup>h</sup> 10<sup>m</sup> da manhã do dia 16 (Segunda-feira).

Pode dar-se tambem alteração quanto ao mez e anno.

O tempo médio do Pará adianta sobre o de Sydney 10<sup>h</sup> 42<sup>m</sup> approximadamente. Se ás 8 horas da manhã do dia 1 de Janeiro do corrente anno, se tivesse transmittido d'esta capital para aquella cidade, um despacho telegraphico, este deveria ter chegado a Sydney ás 9<sup>h</sup> 18<sup>m</sup> da noite do dia 31 de Dezembro do anno passado. Chegaria, portanto, *antes* da partida.

Ha factos curiosos e surprehendentes a respeito da hora local.

As estações meteorologicas estão em completo desaccordo com os tempos em que ellas se effectuam, mesmo para os povos que admittem o nosso systema chronologico, visto acharem-se elles em hemispherio opposto a respeito do equador.

O anno civil começa pelo solsticio do inverno, como dizem os chronologistas. Esta proposição só é verdadeira para os habitantes da Europa, com excepção dos turcos, para os da America Septentrional e de uma pequena parte da America Meridional. É evidente que, para a maior parte d'este grande continente, que se acha no hemispherio austral, para as colonias inglezas e as portuguezas da Africa do sul, e para Australia, o anno civil começa pelo solsticio do verão.

As mesmas applicações contrarias devem ser feitas, quando tratar-se dos equinoxios.

As estações acham-se assim dispostas em relação aos dous hemispherios e aos tempos em que principiam:

<i>Equin. da prim.</i>	{	Hemispherio boreal..	20 ou 21 de Março
		» austral..	22 ou 23 de Setembro
<i>Solst. do verão...</i>	{	Hemispherio boreal..	20 ou 21 de Junho
		» austral..	20 ou 21 de Dezembro
<i>Equin. do outono..</i>	{	Hemispherio boreal..	22 ou 23 de Setembro
		» austral..	20 ou 21 de Março
<i>Solst. do inverno..</i>	{	Hemispherio boreal..	20 ou 21 de Dezembro
		» austral..	20 ou 21 de Junho

O conhecimento dos tempos em que se reproduzem as estações e do gráo de temperatura que ellas distribuem pelas diversas regiões da terra, faculta ao homem industrial e emprehendedor tirar proveito de certas artes e industrias, como a agricultura, o commercio, a navegação, etc.

Vemos pelo quadro acima que os equinoxios e os solsticios succedem-se nos dous hemispherios nos mesmos tempos, mas os seus effeitos se operam em sentido contrario; e a linguagem chronologica vulgar só de modo periphastico pode exprimir a relatividade dos phenomenos, afim de evitar os equivocos e confusões que ordinariamente se commettem.

Para obviar esta difficuldade, Elisée Reclus e Flammarion propõem que em logar de dizer-se: «equinoxio da primavera, equinoxio do outono, solsticio do estio, solsticio do inverno», empreguem-se as expressões: «equinoxio de Março, equinoxio de Setembro, solsticio de Junho solsticio de Dezembro.»

Esta phrasiologia, não usada ainda, é preferivel á linguagem vulgar, porque enuncia um facto, abstrahindo as consequencias que procedem d'elle, e que são condições necessarias para designar o tempo applicado a um hemispherio com exclusão de outro.

As estações meteorologicas, primavera, outono, verão e inverno, não se effectuam ao mesmo tempo em todos os logares da terra, ao passo que os equinoxios e os solsticios, que marcam o começo d'essas estações, são factos astronomicos indicando as quatro posições principaes do nosso globo, em relação ao sol, em seu movimento annual.

As denominações de *equinoxio* e *solsticio* convêm á terra toda; mas, se lhes juntarmos o nome da estação relativa a cada equinoxio ou solsticio, uma tal denominação só pode convir a um dos dous hemispherios.

Para designar o começo do anno civil, tão confuzo é uma como a outra expressão. No 1.º caso, a confuzão é manifesta, porque, havendo dous solsticios, não se pode saber qual d'elles indica o principio do anno, ainda mesmo com as determinações numericas de 1.º ou 2.º, visto que a natureza não designa qual é o primeiro ou o segundo solsticio. No 2.º caso, ha determinação de solsticio: «solsticio do inverno»; mas esta exclusão de partes não

prevalece, antes contribue para complicar mais a questão do que elucidal-a, pois effectivamente ha dous solsticios do inverno, um para o hemispherio do norte (21 de Dezembro), e outro para o do sul (21 de Junho).

Não ha, portanto, outro meio para resolver a questão a não ser a expressão *solsticio de Dezembro*, a qual se applica á terra toda, sem confundir-se com as que designam as estações meteorologicas começadas em 21 de Dezembro.

A unica objecção admissivel é a que accuso desacordo entre o mez do solsticio e o primeiro mez do anno.

Ha realmente discordancia entre os nomes d'esses mezes, *Dezembro* e *Janeiro*; mas o enunciado distingue os tempos dos factos significados; porquanto observe-se que não se diz que o anno começa *no solsticio de Dezembro*, no dia do solsticio effectuado em 21 de Dezembro; e sim *pelo solsticio de Dezembro*, isto é, por esse tempo, logo depois, porque o 1.º de Janeiro cahe dez ou onze dias depois que o sol volta do tropico de Capricornio para o equador.

Taes são as principaes causas physicas, expostas perfunctoriamente, que se oppõem á uniformidade da chronologia civil, cuja applicação geral é tambem contrariada por causas politicas e religiosas.

Como todas as instituições sociaes, a chronologia não se generalisou sob uma só forma: as differenças de nacionalidade e religião imprimiram-lhe caracteres diversos e antagonicos, de modo que se torna difficil, senão impossivel, o estabelecimento de uma chronologia universal.

Os povos antigos que reivindicam a prioridade da chronologia civil são os egypcios, os chinezes e os hindus; a precedencia dos primeiros sobre os dous ultimos nas investigações chronologicas é constatada pelos fundamentos historicos.

A chronologia dos egypcios foi adoptada pelos outros povos antigos que a modificavam segundo os seus interesses civis e religiosos, ou a tomaram por base para novas instituições chronologicas, de sorte que, pode dizer-se, havia tantos modos de calcular os tempos, quantas eram as nações da antiguidade.

Nenhum accordo presidio ás novas instituições, antes cada povo empenhava-se em distinguir a sua chronologia empregando medida de especie differente da que era usada por outro. Assim, para determinação de um mesmo tempo, uns regulavam-se pelo movimento do sol; outros pelo da lua, ou conjuntamente por ambos os movimentos.

Os calendarios estabelecidos por estas bases, chamam-se *solares*, *lunares*, e *luni-solares*.

A divergencia muitas vezes fazia-se sentir no calendario de um mesmo povo: os gregos e os hebreus tinham duas especies de annos, um civil e outro sagrado, com-

postos do mesmo numero de mezes e dias, mas contados de modos differentes.

Modernamente, os chinezes, japonezes, indigenas do Hindostão e os judeos modernos, regulam-se pelos seus calendarios luni-solares; o calendario arabe puramente lunar é adoptado por todos os povos musulmanos; os christãos servem-se do calendario solar, tambem considerado luni-solar a respeito da festas moveis, que são reguladas pelo movimento da lua.

D'esta multiplicidade de calendarios, complicados com o desaccordo dos momentos em que principiam os annos de duração differente e subordinados a eras duvidosas, só pode resultar um tempo vago, isto é, sem connexão com os factos e as datas.

Variando na forma e, por assim dizer, na substancia, segundo as applicações que diversamente lhe tem dado cada povo, a chronologia perdeu o seu character primitivo a universalidade, isto é, a propriedade de estabelecer um tempo commum a todos os povos do mundo.

Nas condições actuaes, em que se acha a sciencia dos tempos, é baldado todo o esforço empregado para a reconstrucção chronologica, pois é um paradoxo acreditar na realização de um systema de chronologia civil, adaptado aos usos e costumes de todos os povos.

Estes elementos ethnicos, reforçados pelas razões de nacionalidade, são mais difficeis de vencer do que as causas physicas.

Recordemos um facto que de alguma forma prende-se á questão.

Em 1884, reunio-se em Philadelphia um congresso geographico, afim de fixar um meridiano universal como ponto de origem das longitudes, para uniformidade das cartas e globos geographicos.

Esse meridiano não poderia tambem servir de ponto inicial para contagem de certos tempos communs a todos os povos?

Depois de renhida discussão, em que os representantes da França e os do Brazil deixaram de votar, o congresso escolheu o meridiano de Greenwich para regular-se por elle todas as cartas hydrographicas. Mas as cousas continuam como d'antes. Os barcos inglezes e os americanos, por exemplo, regulam-se pelo meridiano de Greenwich; os francezes pelo de Paris, etc.; o mesmo succede com as cartas particulares dos differentes paizes.

Temos demonstrado que a chronologia pode generalisar os seus preceitos e regras; mas, segundo as modificações que ella recebe, circumscreve-se a um limitado campo de acção.

Considerada, pois, quanto ás suas diversas modificações, chama-se chronologia particular ou civil.

O estudo da chronologia civil de todos os povos antigos e modernos, nos dá o conhecimento das datas, e nos habilita a trasladal-as para a nossa linguagem chronologica vulgar.

No proximo numero trataremos da chronologia dos egypcios.

SEVERIANO BEZERRA D'ALBUQUERQUE.

## — METEOROLOGIA —

(Continuação)

I.<sup>a</sup> CLASSE — METEOROS AEREOS

*Dos ventos*

Mostramos em o numero passado:— 1.<sup>o</sup> a origem dos ventos, devida á differença da temperatura nas diversas regiões do globo;— 2.<sup>o</sup> a existencia das correntes inferiores, compostas de ar frio, secco e portanto mais pesado, e das correntes superiores, geradas de ar quente, carregado de vapor d'agua e portanto mais leve;— 3.<sup>o</sup> a divisão nautica dos ventos, conforme a direcção das mesmas correntes no sentido dos pontos cardeaes geographicos; e 4.<sup>o</sup> finalmente as suas classificações não só na razão da intensidade, como relativamente a duração, compromettendo-nos a desenvolver mais amplamente esta segunda maneira, o que vamos effectuar.

Segundo a sua duração, dissemos que os ventos são *permanentes* ou *constantes*, *periodicos* e *inconstantes* ou *variaveis*.

Ventos *constantes* ou *permanentes* são aquelles que sopram durante o anno na mesma direcção ou rumo. Recebem tambem o nome particular de *aliseos* e de *contra-aliseos*, e subdividem-se em dois ramos: os do norte e os do sul.

O *aliseo do norte* corre no sentido norte-sul, chega á região equatorial, onde se offerece e sobe ás camadas superiores da atmosphaera, transpõe o equador e transforma-se, no hemispherio meridional, em *contra-aliseo do norte*: assim chamado por soprar sempre na mesma direcção norte-sul. O *aliseo do sul* corre no rumo de sul a norte, soffre no equador um aquecimento igual ao precedente, ascende ás altas regiões e transporta-se ao hemispherio septentrional, onde toma o nome de *contra-aliseo do sul*, por soprar sempre no mesmo rumo do sul á norte.

Ha, portanto, nas elevadas camadas da atmosphaera equatorial, um cruzamento dos dois *aliseos* que, depois

de effectuarem um movimento ascencional, continuam o seu percurso já com a denominação de *contra-aliseos*. Este cruzamento está hoje perfeitamente comprovado, pelos estudos do meteorologista Maury, baseados nos seguintes factos de observação:

1.º A identidade perfeita que existe na composição do ar, em qualquer ponto do globo que se o examine. Sendo o hemispherio norte muito mais extenso em superficie solida, a combustão que ahi se dá é sem duvida em muito maior escala e devia portanto modificar um pouco a composição da respectiva atmosphaera, se não fosse o cruzamento dos *aliseos* que, misturando o ar das duas partes, norte e sul, do globo, mantem em toda a parte a sua mais completa identidade de composição.

2.º E' no velho hemispherio que cae mais chuva, apesar de haver no hemispherio austral maior superficie liquida e é n'elle que existem os maiores rios do globo <sup>1</sup>

3.º A prodigiosa quantidade de chuva que cae no valle do Mississipe (E. U. do N.) não pode ter outra explicação, diz Maury, senão o cruzamento dos *aliseos* sobre o equador, em virtude do que o do hemispherio austral, acarretando os vapores aquosos das grandes bacias da America do Sul, leva-os para o Norte onde se condensam e caem em copiosas chuvas sobre o citado valle. Não podem estas chuvas ser o resultado da evaporação dos grandes lagos, ao Norte dos Estados- Unidos, não só porque têm aquelles uma temperatura inferior a do valle e não lhe podem por isso fornecer evaporação, como porque, ainda mesmo que esta fosse possivel, a superficie evaporisadora é muito pequena em relação á abundancia enorme das aguas que alli cáem.

Não provêm tambem do Golfo do Mexico nem do Oceano Pacifico, porque a evaporação n'elles produzida segue a direcção do *aliseo* do hemispherio norte. Os ventos que sopram sobre o Atlantico, na altura do valle, correm para a Europa.

4.º Mostra-se, de maneira analoga, que os ventos que fazem dos Andes Patagonicos um dos lugares de maior precipitação pluvial do globo, correspondem aos alizares do hemispherio boreal. <sup>2</sup>

5.º Nas proximidades das ilhas de Cabo-Verde, sobre o mar Mediterraneo, e mesmo em alguns pontos do sul da Europa, partes estas do globo que ficam no hemispherio boreal, occasiões ha em que apparecem vermelhos nevoeiros formados de um pó encarnado, que se deposita

nas velas dos navios, nas folhas das arvores, etc. A principio acreditou-se que essa poeira fosse transportada da Africa Septentrional; porém muito recentemente Ehrenberg, analysando a microscopio diferentes quantidades recolhidas em Cabo-Verde, Lyão, Genova e Tyrol, demonstrou que todas ellas, como si fossem tiradas de um mesmo monte, têm a mesma composição, sendo formadas de infuzorios e detritos organicos, transportados da America Meridional. Ora, não se pode explicar o apparecimento d'esta poeira em certos lugares do hemispherio norte distante do equador, sem cahir nos pontos intermediarios, senão admittindo-se que os *aliseos* do sul, varrendo a America, acarretem consigo esse pó vermelho ás altas regiões equatoriaes, e, depois de percorrer superiormente uma certa extensão do hemispherio boreal, condensam-se, precipitando-se com elle sobre a superficie terrestre.

Até aqui, para maior facilidade de comprehensão nas nossas explicações, temos figurado a terra immovel, e os *aliseos* seguindo a direcção recta de um meridiano. Sabemos, porém, que o nosso planeta, além de outros, effectua um movimento completo de rotação do occidente para o oriente, em torno do seu eixo, em 24 horas, alguns minutos e segundos. Este movimento faz desviar a direcção dos *aliseos* e dos *contra-aliseos* como vamos ver.

A atmosphaera inteira acompanha ao nosso espherioide em sua rotação, pois si o contrario acontecesse, o choque de encontro ao ar, soffrido pelos objectos terrestres, seria de um effeito destruidor e fatal. Ora, é sabido igualmente que a medida que se avança dos pólos ao equador a velocidade rotativa do globo augmenta. Uma simples reflexão, pois, nos faz prever que, não sendo o ar fixo sobre o nosso planeta, a corrente atmospherica que vier do norte para o equador será dotada de dois movimentos: o de rotação do occidente para o oriente, no sentido de um paralelo, e o de translação, no sentido de um meridiano. N'este ultimo, a corrente adquire pouco a pouco a velocidade rotatoria dos paralelos por onde passa; mas entra no paralelo seguinte sempre com a velocidade adquirida no anterior, d'ahi é facil concluir-se que os objectos da superficie do novo paralelo, dotado de uma rotação mais intensa do que a da corrente, percutirão esta ultima no sentido de oeste para este, de onde resulta parecer que ella corre no rumo de nordeste para sudoeste. E si a velocidade de translação, no sentido do meridiano, for tal que não dê á corrente o tempo sufficiente de adquirir toda a intensidade rotatoria do paralelo por onde passa, conclue-se que ella irá entrando nos seguintes, com uma differença de rotação para menos muito maior: e então, em vez de parecer que a corrente é enviada de

<sup>1</sup> Zurcher. *Phenomeno da atmosphaera*.

<sup>2</sup> Zurcher. *Ob. cit.*

nordéste, parecerá que vem francamente de éste para oéste. Por isso diz-se:—*aliseo do nordéste, aliseo do éste*, no hemispherio boreal.

O mesmo acontece com o *aliseo* do sul que, em consequencia da combinação da rotação terrestre com o movimento de translação da corrente aerea, vinda do sul para o equador, parece que corre de sudoéste a nordoéste ou de éste a oéste, conforme a intensidade d'aquella translação. D'ahi tambem as denominações de *aliseos de sudoéste* e *aliseo de éste*, no hemispherio austral.

A explicação inversa esclarece a origem dos *contra-aliseos*. Com effeito, chegando os *aliseos* na região equatorial, gastam um certo tempo em se dilatar e subir ás camadas atmosphericas superiores, durante a qual adquirem a intensidade rotatoria d'essa zona, que é a maxima do globo. Feito o cruzamento, cada corrente segue o seu destino, uma para o polo norte e outro para o polo sul: mas como vão passando sobre paralelos cujas vellocidades são cada vez menores do que a sua, segue-se que ellas, ao mesmo tempo que caminham em direcção aos polos, adiantam-se tambem para o oriente, muito mais ligeiramente do que os *aliseos* que lhes ficam inferiormente. O *contra-aliseo* do hemispherio boreal corre, pois, de sudoéste para nordéste e o do hemispherio austral, de nordoéste para sudoéste. E quanto maior a velocidade de translação para os polos, tanto mais parecerão que os dois *contra-aliseos* são enviados de oéste para éste.

Temos, pois, no hemispherio septentrional, o *contra-aliseo do sudoéste* e o *contra aliseo de oéste*, e no meridional, o *contra-aliseo do nordoéste* e o *contra-aliseo do oéste*.

E' ainda por facilidade de comprehensão que temos dito virem os *aliseos* dos polos, como se n'elles tivessem o seu real nascimento. A verdade, porém, é que a atmospheria em contacto com o globo acha-se dividida em zonas de ar, corrente e zonas de calmarias. Estas ultimas, tambem chamadas *regiões das calmas*, são em numero de cinco, sendo: duas polares, duas tropicaes e uma equatorial. Esta estende-se de um a outro lado da linha equinoxial; a do cancer, um pouco ao norte e a do capricornio, um pouco ao sul dos respectivos tropicos.

E' entre a região das calmas equatoriaes e as tropicaes que correm os *aliseos*, isto é, em uma extensão de 30.º no maximo de latitude, em cada hemispherio, e são notados principalmente sobre o oceano, á uma certa distancia da costa. Entre as regiões das calmas tropicaes e as polares acham-se, segundo Maury, correntes de *contra-aliseos* e, segundo outros, correntes de ventos variaveis.

A que são devidas as regiões das calmas?

Nada mais, nada menos do que ao desvio da direc-

ção horisontal das correntes aereas para vertical, quer ascendente, quer descendente. Com effeito, a medida que os *aliseos* avançam para o equador, vão tendendo a elevar-se, em consequencia do augmento de calor que soffrem e, portanto, do gráo de expansão que vão adquirindo. Nas proximidades d'aquella zona, este gráo de dilatação é tão forte que neutralisa o movimento horisontal de translação, transformando-o em vertical ascendente. D'ahi as calmarias equatoriaes, que são bem sensiveis em pleno mar.

As regiões das calmas tropicaes são menos sensiveis. Á proporção que um *contra-aliseo* caminha para um dos polos, vae encontrando zonas cada vez mais frias, cujo abaixamento de temperatura produz a condensação das moleculas do ar, que assim se tornam mais pezadas e tendem a descer. Sendo esta condensação muito forte na altura dos tropicos, a direcção das moleculas do *contra-aliseo* deixa de ser horisontal, para tornar-se vertical descendente, produzindo assim as calmarias d'estas regiões.

As calmarias polares são attribuidas por Maury a um movimento em espiral da atmospheria nos polos, em virtude do que o ar tende ahi a subir verticalmente.

A extensão das calmas equatoriaes é variavel: no Atlantico chega a alcançar a 10.º paralelo da latitude norte; no Pacifico, porém, ella se estende pouco além da linha equinoxial. Augmenta no verão e diminue no inverno, de cada lado da referida linha,

(*Prosequiremos*)

DR. A. TAVARES.

## INGRATIDÃO

### I

Diz um antigo proverbio: «O dia do beneficio é a vespera da ingratição.»

E effectivamente assim é.

Fazei todo o bem que puderdes; tereis as mãos mordidas pelos mesmos que as devêram beijar agradecidos.

Os inimigos não saem d'entre os que nos são indifferentes, sim d'entre os amigos. Quem foi que vendeu a Christo? Um dos que se assentavam á sua mesa e comiam do seu pão.

Quantos milhares de vezes não se tem repetido a representação d'aquella drama do horto de Gethsemani! Sómente hoje as victimas não são deoses, e por isso mesmo mais dolorosos lhes são os golpes da ingratição.

Um ósculo de paz é quasi sempre o signal conven-  
cionado para as mais negras traições.

A ingratição é o característico de uma alma privada  
de bons sentimentos.

Ordinariamente o ingrato deixa em paz e até louva-  
minha aquelles que o espezinham e maltratam, para voltar  
as suas iras contra os que sempre o trataram com amiza-  
de, estima e consideração.

Para isso não é mais preciso que haja os *trinta di-  
nheiros*, pois mesmo *gratuitamente* constitue-se nosso inimigo.

Vayer disse:

«Se, como aconteceu entre os Persas, os Medos e  
outros povos da antiguidade, hoje se admitissem nos tri-  
bunaes de justiça acções contra os ingratos, onde haveria  
praças tão amplas que podessem receber a multidão dos  
accusadores, prisões tão extensas que podessem conter a  
multidão dos accusados?»

E o conselheiro Bastos:

«No amphitheatro de Roma, um leão, reconhecendo  
em Androluco o seu bemfeitor, não só recusou devoral-o,  
mais o afagou da maneira a mais expressiva.

«N'uma das expedições das cruzadas, um cavalheiro  
francez, encontrando outro leão, luctando para se desem-  
baraçar de uma serpente que n'elle se achava enroscada,  
correu em seu auxilio e matou a serpente. O leão agra-  
decido seguiu-o; não se afastava d'elle senão para lhe  
procurar a caça nos bosques; e nos combates era o seu  
melhor defensor. Depois da conquista de Jerusalem, em-  
barcando o cavalheiro para a Europa, e não podendo  
conseguir que se recebesse o leão a bordo, este se deitou  
ao mar, e foi nadando sempre junto do navio, até que,  
fallecendo-lhe as forças, se afogou.

«Uma donzella da ilha de Sestos creou uma aguia, que  
depois constantemente a provia de caça, e lhe dava re-  
petidas provas de singular affeição. A donzella morreu; e,  
segundo os costumes do tempo, o seu cadaver foi lançado  
em uma pyra: o que vendo a aguia, arrojou-se ao fogo,  
e abraçou a sua bemfeitora com as azas, como quem  
queria interpôr-se entre ella e as chammass, que logo a  
devoraram.»

Estes exemplos mostram exuberantemente que nós  
devemos aprender com os irracionaes a ser agradecidos  
aos nossos bemfeitores.

## II

Tendo já tratado da ingratição dos individuos em  
particular, vamos agora occupar-nos da peor de todas: a  
dos reis e dos povos. Aquella só prejudica uma ou outra  
pessoa, contra quem é exercida; esta, porém, póde pre-  
judicar a uma nação inteira, manchando a sua historia.

Abramos a historia, e transportemo-nos pelo pensa-  
mento, á antiga Grecia, 400 annos antes de Jesus Christo.

Ahi veremos *Socrates*, celebre philosopho, que deu  
sempre em sua vida o exemplo de todas as virtudes —  
esgotando a taça de cicuta — pena a que fôra condemnado  
pelos tribunaes do seu paiz.

E que crime commettêra? Parece incrível! O seu cri-  
me consistiu em ser elle o melhor preceptor da mocidade.

Não lhe valeram os actos de coragem com que se  
distinguiu em Tanagra e Potidéa; de nada lhe serviu ter  
salvado a vida do grande Alcibiades e do sabio Xeno-  
fonte — glorias da Grecia —; esqueceram a sua nunca  
desmentida generosidade, o seu interesse e grandeza d'alma,  
e só se lembraram das censuras com que verberava os  
costumes do seu tempo, censuras que se lhes cravaram  
nos corações corrompidos como se fossem settas envene-  
nadas.

Elle, que pelos seus serviços á causa publica devêra  
ter sido sustentado á custa do Estado — como teve a co-  
ragem de dizer aos juizes —; elle que tanto trabalhou para  
a grandeza de Athenas, illuminando-a, por assim dizer,  
com o fulgor de sua intelligencia; elle que fôra proclamado  
pelo oraculo de Delphos *o mais sabio dos homens*; — é ar-  
rastado aos tribunaes como se fosse um criminoso, e con-  
demnado á morte violenta!

Esta injustiça, esta ingratição com que se feriu ao  
grande sabio, constituem uma pagina negra da historia da  
Grecia.

Outro exemplo.

Acabava *Epaminondas* de realisar uma serie de heroi-  
cas façanhas contra os inimigos de sua patria — os Lace-  
demonios —, conquistando assim corôas de louros im-  
marcessiveis em honra de sua querida e valente Thebas.  
A batalha de Leuctres fôra a mais brilhante estrella d'a-  
quella esplendida constellação.

Que lhe aconteceu, porém, ao voltar? Iria a cidade  
em peso ao encontro do general invencivel, a juncar-lhe  
de flôres o caminho, e a felicital-o, a bemdizel-o, a con-  
sideral-o seu salvador? Teriam armado arcos de triumpho,  
por onde passasse o grande capitão? Estremeceria de

jubilo e de gratidão aquelle povo, hontem escravo, e hoje livre do jugo extranho pela espada do valente soldado thebano?

Pasmai!

Em vez de tudo isso, compareceu elle perante os tribunales, para responder á accusação que lhe faziam — de se ter conservado no commando do exercito quatro mezes mais do que era permittido pelas leis.

Epaminondas recusou defender-se, e disse aos juizes: «Applicai a pena; mas quando eu morrer, mandai gravar este epitaphio sobre o meu tumulo: Epaminondas foi condemnado á morte por ter salvado a sua patria e dado a liberdade á Grecia.»

Os juizes não ousaram condemnal-o; mas nem por isso puderam os Thebanos livrar-se jamais do estygma de reprovação com que a historia os fulmina — como um povo injusto e ingrato.

### III

\* Não acabariamos, se quizessemos enumerar todos os exemplos que refere a historia. Comtudo, apontaremos ainda alguns no presente artigo.

Na historia da Grecia encontraremos Aristides, Milciades, Themistocles.

*Aristides*, cognominado *o justo*, foi condemnado ao ostracismo exactamente porque os seus concidadãos estavam cançados, de ouvir chamal-o justo!

E foi Themistocles, o grande Themistocles, quem por zelos mal entendidos tramou esta injustiça contra o illustre cidadão atheniense!

*Aristides* vingou-se depois generosamente do seu rival unindo-se a elle para derrotarem os Persas nas celebrés batalhas de Marathon, Salamina e Platéa.

*Milciades* soffreu do mesmo modo a ingratidão dos seus compatriotas, que o accusaram de traidor, — a elle, general em chefe das tropas gregas em Marathon, onde salvou a sua patria da invasão e do jugo dos Persas!

*Themistocles* foi tambem, por sua vez victima da injustiça dos seus concidadãos, que o condemnaram a cinco annos de ostracismo depois de ter prestado á sua patria os mais assignalados serviços.

Se os *trophéos de Milciades* lhe tiravam o somno; se as honras tributadas a *Aristides* lhe faziam ferver no coração a inveja; tambem as corôas de louro que alcançou nas

batalhas em que havia empenhado o seu valor e coragem marcial lhe grangearam a má vontade e o odio de Esparta, que conseguiu fazel-o levar aos tribunaes.

—  
—  
Passando a Roma, ahi veremos *Cicero* — preso por ordem de Antonio, processado e conduzido ao patibulo. Fôra este mesmo celebre orador, que o povo — sempre voluvel e inconsciente nos seus julgamentos — denominára *Pai da patria, segundo fundador de Roma, principe dos oradores romanos*; e a quem virára as costas logo que chegaram para elle os dias da adversidade.

Ahi encontraremos *Seneca*, illustre philosopho, gemendo oito annos nas masmorras por intrigas de Messalina, e depois accusado de conspirador por Nero, que queria ver-se livre d'aquelle censor importuno dos seus desregramentos e tyrannias. Tendo-lhe o imperador ordenado que se matasse, elle obedeceu, abrindo corajosamente as proprias veias.

—  
Deixemos, porém, a historia antiga, para não nos alongarmos em demasia.

Entre os poetas modernos apparece *Camões*, como estrella de primeira grandeza. São por todos conhecidas as suas desventuras. Elle immortalisou a sua espada com a penna, e defendeu-a com a espada; e em troca de tudo isto, deu-lhe o governo portuguez *uma renda annual de quinze mil réis, por tres annos sómente!* — Acabada a renda — offerta villã, verdadeira vergonha para Portugal —, acabou-se-lhe a misera existencia, indo morrer nas palhas d'um hospital.

A respeito de outros varões portuguezes, eis o que escreve Garrett no seu divino poema — *Camões*:

«Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,  
Quem tanta gloria a tão pequeno berço  
Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado  
D'homens, á mais pequena nação do orbe  
Deu mares a transpôr, veredas novas  
A descobrir na face do universo;  
Povos a subjugar, reis a humilhal-os,  
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,  
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?  
Elles. E a patria, por quem tanto hão feito,  
Que digno premio lhe ha dado? — A fome  
Num hospital galardoou *Pacheco*;  
A *Albuquerque* a deshonra ao pé da campa;  
*Castro* a pobreza, que os soccorros ultimos  
Sobre o leito da morte mendigava.»

Se consultarmos a historia do nosso paiz, depararemos com os heroes da revolução de Minas — um d'elles subindo ao cadafalso — e outros seguindo o caminho do desterro, — por terem tentado dar a liberdade á sua patria livrando-a do jugo portuguez.

Ahi encontraremos ainda o vulto venerando de *José Bonifacio d'Andrada e Silva*, fazendo do Brazil uma nação independente, e recebendo como galardão a pena do exilio.

## IV

Basta.

De que serviu a ingratição da Grecia, de Roma, de Portugal e do Brazil? De tornar mais viva e brilhante a gloria d'esses varões famosos, fazendo sobresahir, como contraste, a trêda inveja e as paixões mesquinhas dos seus gratuitos inimigos.

Estes representam as sombras d'esse quadro de luz.

VILHENA ALVES.

## LITTERATURA

### A POESIA MODERNA

A poesia foi sempre, e em toda a parte, o thermometro litterario do estado e desenvolvimento de qualquer povo. O conceito de R. von Ihering, com relação á pena, em materia criminal, pode com toda a justeza, ser-lhe applicada. Ella «é o gradimetro das boas ou más disposições de um povo, e nenhuma como ella, atravessa todas as phases do desenvolvimento moral das nações, malleavel como a cera, na qual se grava toda e qualquer impressão.»

Effectivamente, a poesia, quer por sua natureza, quer por sua origem e longevidade, é a parte mais intensa, mais consubstanciada de qualquer litteratura: é o centro onde se aggrupam todos os espiritos; a fonte onde todos bebem; a arvore geral que se esgalha sobre todos. A poesia synthetisa por si só toda a intellectualidade de um povo, como a epopéa synthetisa toda uma litteratura, e por consequencia todo um povo e todo uma época.

Observa-se, tambem, no estudo de qualquer litteratura, a prioridade constante da poesia sobre as outras manifestações do pensamento. Ella é a percursora de todas as civilisações; e começa a apparecer desde o primeiro momento da organização dos Estados, no periodo mesmo das primeiras balbuciações, quando a incerteza e a falta de estabilidade caracterisam os povos nascentes.

Em quasi todas as linguas, observa um escriptor nosso, ou antes em todas ellas, os poetas precederam aos prosadores, quer historiadores, quer oradores, quer philosophos, quer de outro genero; em quasi todas as litteraturas foram os poetas os que mais concorriam para o aperfeiçoamento da respectiva lingua. O primeiro e o maior poeta da antiguidade — continua o mesmo auctor — Homero, que floresceu depois da guerra de Troya, mais de 900 annos antes de Christo, precedeu seculos a Herodoto, o maior historiador que veio ao mundo 484 annos antes de Christo. Na Italia, Dante, que floresceu no seculo XIV, pelos fins da idade media, precedeu a Villani e mais historiadores e prosadores italianos.

Mais ou menos o que diz Veron (*L'Ésthetique*) n'esta clara e eloquente synthese: «A vida sentimental dos povos precede por muitos seculos ás manifestações da vida intellectual.»

A nossa nacionalidade não abriu excepção á lei geral. Antes que apparecessem os Warnhagen, Pereira da Silva, etc., a litteratura nacional começava a ensaiar-se pelos Caldas, Gonzaga, Durão e outros. Em Portugal o mesmo facto: Bernardino Ribeiro, Sá de Miranda e outros foram os primeiros constructores do idioma portuguez, primitivamente amalgamado com os dialectos geraes da Iberia.

D'ahi a importancia da poesia, a unica fórmula litteraria que acompanha os povos em todos os periodos de sua historia, e que tem acompanhado a propria humanidade em todos os passos de sua longa evolução. Pura criação das faculdades affectivas, a poesia é o instrumento, o modo, a fórmula, em que se envolve, para externar-se, o pensamento humano. Subjectiva por natureza, como todas as manifestações da arte, ella começou a existir desde o momento em que o homem pode externar o seu lado emocional.

D'ahi todo o seu desenvolvimento tem consistido n'uma serie de transformações, meramente accidentaes, accessorias, de simples fórmula. Cada nova escola, ou systema que se inaugura, é uma nova roupagem, que se descobre para as emoções do homem, perdurando sempre como essencial elemento subjectivo, que variará de individuo a individuo, em virtude do senso esthetico individual, particular a cada homem.

A mesma cousa na musica, na pintura, na estatuaria e architectura, que são outras tantas expressões pelo som, pela côr e pela disposição de linhas, das emoções experimentadas pelo artista.

Como as demais artes, a poesia nasce de uma mesma fonte — a impressão; e tem ahi toda a sua razão de ser. N'este ponto não admite progresso, senão o progresso porque possa passar o proprio sentimento humano.

Pode-se-lhe mudar as direcções, dar-lhe outros ideaes, outras fontes de impressões,— e n'isto consistirá, como dissemos, a sua evolução; mas nunca perderá o character subjectivo que lhe é essencial, e sem o qual é impossivel concebel-a.

Alguns espiritos mal avisados, provavelmente por uma falsa concepção da arte moderna, obstinam-se em tomar a nova intuição poetica, filha do naturalismo litterario predominante em nossos dias, como um desnaturamento da poesia, uma violação aos seus principios, que elles não podem tolerar se tornem scientificos e positivos. Receiam que a poesia regenerando-se, perca o antigo encanto das formas romanticas, e fique reduzida a uma arte puramente mechanica, a um processo grosseiramente material de construcção grammatical.

Affigura-se-lhes uma completa positividade de linguagem, uma agglomeração de palavras sem estro, collocadas artificialmente ao longo do metro. É muita ingenuidade; ou talvez muita ignorancia.

A questão no entanto, se reduz a um simples desencontro de noções. E tudo se conciliará,— como se se tratasse de qualquer ramificação do nunca esquecido lyrisimo romantico— desde o momento em que as ideias adversarias tentarem harmonizar-se com a nova intuição.

A poesia moderna, — naturalista, positiva, scientifica ou como melhor se deva chamar, — não quer dizer poesia sem sentimento, sem estro, sem elevação de idéas; quer dizer simplesmente que não é a mesma de ha 30 ou 40 annos; que o seu ideal é outro; que é outra a sua forma, e outras as suas fontes de impressões.

E estas transformações são simplesmente accessorias, relativas tão sómente á forma, sem alterar a natureza intima da poesia. Pelo mesmo processo se têm operado sempre todas as suas transições: pelo mesmo processo ella se tornou epica; pelo mesmo processo se tornou romantica.

O que se dá de real é uma simples mudança de direcção. Em vez de ir procurar inspirações na fonte exhausta da imaginação, e de dar aos versos uma côr pallida e doentia, a nova poesia encontra, como fonte inexgotavel para alental-a, a grande natureza com a infinita variedade de seus encantos. O homem substituiu o mytho; e do universo, da humanidade, fez-se o grande ideal da arte moderna.

Em vez do mysticismo, d'esse embriagamento lôrpa da alma, as mais das vezes irrisorio, a moderna poesia envolve-se nas formas puras do naturalismo, como simples contemplação da natureza. Esta, admirada á luz dos nossos dias, sob o criterio scientifico indispensavel á personalidade do poeta, é um motivo perenne de extase, de

enlevamento, e pode, como a velha mythologia, pagã ou romantica, elevar o homem aos mais sublimes arrojados do pensamento. Pela inspiração, esse esclarecimento superior que se sentia, e que se não explicava, trocou-se a sensação,— phenomeno naturalissimo, pelo qual o exterior, o mundo physico, nos proporciona idéas e sentimentos. O poeta de hoje não precisa mais chamar a si as musas; basta-lhe procurar a natureza e deixar-se affectar por ella.

Diante da humanidade o processo é o mesmo: as sociedades, os povos, o mundo moral, abrem largos horizontes á poesia e á arte em geral.

(Do *Ensaio de Critica.*)

ALVARES DA COSTA.

---

## EDUCAÇÃO PHYSICA

(Da *Revista de Educação e Ensino* de Lisboa)

Qual é o melhor methodo de ensino? Quaes são os exercicios que mais convêm á infancia e á puberdade, no ponto de vista physico, moral e hygienico?

A esta pergunta não se responde facilmente e muito menos a contento da grande maioria dos que estão encarregados de ensinar este ramo no nosso paiz.

Todos os que se preocupam com assumptos instructivos estão de accordo com relação á utilidade dos exercicios corporaes na educação intellectual, mas todos se calam desde que os interrogam sobre a forma de os applicar.

Ha uma série de escolas todas rivaes, que têm os seus partidarios.

Entre nós, creio, serem quasi tantas quantas os encarregados de ensinar; cada um educa de sua fórmula, e não ha reunil-os. Quasi todos dizem mal um dos outros, todos julgam seguir o melhor methodo. N'essa analyse não entrarei, porque perderia o tempo.

Se consultarmos, por exemplo, um grupo de individuos e lhes perguntarmos quaes são os exercicios gymnasticos que mais pôdem aproveitar, no ponto de vista physiologico, na educação da mocidade em geral, cada um dos consultados responderá a sua cousa. Um preferirá o esgrima, outro a equitação, outro a remagem, um quarto a gymnastica em aparelhos, um quinto a malha, o bilhar, a péla, um sexto o velocipede, etc. Difficilmente se encontrará unidade entre dois individuos.

Basta, porém, interrogar cada um d'elles separadamente, para nos convenceremos que nenhum tem opiniões firmes, nem razões justas em que se baseiem, que laboraram n'um erro. Uns vêem no exercício da gymnastica um meio hygienico e uma influencia salutar sobre o estado geral, outros encaram-n'a no ponto de vista da sua utilidade pratica, outros procuram por ella aperfeiçoar-se em determinados exercicios em vista dos serviços que podem prestar em circumstancias especiaes da vida, para o caso de salvação, defesa, ataque, etc., outros vêem no exercício o meio de adquirir certas qualidades pouco vulgares, taes como um desenvolvimento athletico, grande agilidade, destreza superior, enfim, uma certa supremacia sobre os outros. Finalmente, ha ainda alguns que fazem exercicios só por gosto e encontram n'isto prazer. São estes os partidarios mais convictos e os apóstolos mais zelosos da gymnastica, mas tambem os mais intolerantes e os mais exclusivistas e absolutos nas suas preferencias, que não admittem reflexões; os mais prejudiciaes á causa que defendem e escolhem de preferencia os exercicios que fazem com maior facilidade.

Nós podemos fornecer exuberantes exemplos sobre este ponto, nós que somos quasi sempre mesquinhos em os fornecer sobre outros.

Se percorrermos a maioria das escolas em que se professa o ensino da gymnastica e fizermos uma analyse detida e imparcial do ensino, basta olhar para os exercicios que os alumnos fazem de preferencia, para ficarmos sabendo as forças do professor, os exercicios em que elle é forte.

Um outro facto se dá ainda, e que a mesma analyse demonstra, é que o professor separa os alumnos que têm mais aptidões, por exemplo, para trabalhar em barra de suspensões, e não os exercicios n'aquelle aparelho que lhes dá de preferencia, outros em parallelas, argolas, trapesio, etc. O seu fim principal não é desenvolver o organismo do alumno em harmonia com as suas necessidades physiologicas, é preparar, adextrar crianças para fazerem brilhar e applaudir o professor, crearem-lhe fama, visto que a maioria da nossa população são os *tours-de-force* que applaudem e apreciam em gymnastica. Conhecem o meio em que vivem, exploram-n'o em seu proveito.

É uma triste verdade esta, mas é assim que os factos se passam. Resulta, pois, d'este estado anomalo, que os alumnos hypertrophiam os órgãos que tinham sufficientemente desenvolvidos e acabam de atrophiar os que careciam de desenvolvimento.

Se entrarmos na unica associação de gymnastica que existe hoje em Lisboa, o *Real Gymnasio Club Portuguez*, ou no *Gymnasio Lauret*, no Porto, e observarmos os ra-

pazes entregues a si proprios, veremos que uns só trabalham em barras, outros em argolas, outros em jogos, etc., sendo para elles zero todos os outros exercicios; continuam o vicio adquirido na escola, o que não succederia, me parece, se houvesse um programma geral e se todas as escolas, sem excepção, estivessem sujeitas a uma inspecção rigorosa e imparcial, isenta de toda e qualquer influencia partidaria ou rivalidade, que encarasse o ensino da gymnastica no ponto de vista hygienico, prophylatico e physiologico, os unicos que podem aproveitar á juventude, e á puberdade, mais especialmente. Sejam quaes forem os exercicios, seja qual for o seu numero, seja qual for a escola, os movimentos que se executam são apenas dois, naturaes e artificiaes. Os primeiros são sempre uteis; os segundos prejudiciaes, e é, infelizmente, para estes que ha mais tendencias.

É o espirito de todos os methodos naturaes produzir o maximo trabalho com a minima despeza de força e o dos artificiaes o contrario.

Ponhamos dois rapazes um em face do outro, um gymnasta, outro não, tendo diante de si, encostados a um portico, duas escadas de mão, e ordenemos-lhes que as subam. O primeiro lançará as mãos aos banzos e subil-a-ha a pulso, o outro, pelo contrario, subil-a-ha auxiliando os pés com as mãos. O segundo evitou as difficuldades, o primeiro procurou-as; um fez um exercicio natural e util, o outro artificial e anti-physiologico porque foi exigir aos membros aprehensores o que pertencia aos pelvicos; um alliviou o trabalho das pernas que distribuiu aos braços para se auxiliarem e não ficaram em inacção; o outro, pelo contrario, sobrecarregou os braços com um excesso de trabalho e deixou as pernas paralyzadas.

Pergunto: qual produziu mais com menos despeza de força, qual tirou mais vantagem d'este exercicio, qual executou movimentos naturaes, qual fez uma gymnastica racional?

Qual poderá produzir mais effeito util, se prolongarmos o exercicio até o esgotamento das forças de cada um dos dois rapazes que puzemos em confronto?

Os factos respondem por si; ninguem por certo duvidará que o que subiu a escada a pés e mãos é o que póde produzir mais effeito util.

Resulta, pois, dos vicios de ensino que aponte, que, em geral, procuram fazer dos rapazes, que a natureza mimoseou com uma constituição robusta e athletas: se os que infelizmente são dotados d'uma natureza fraca, que constituem a maioria, ficam quasi entregues a si, sujeitos a todos os soffrimentos que a falta de exercicio permite.

Resta, pois, ver, em presença de tantos factos, a qual dos methodos devemos dar preferencia na educação phy-

sica, se aos que se compõem de exercicios naturaes ou aos que se compõem de exercicios artificiaes.

O segundo tem como principio quasi geral exigir do homem esforços musculares muito mais violentos que aquelles a que está naturalmente habituado, e movimtos que lhe não são peculiares. Tende a tornar-o mais forte do que se deve, exigir á sua musculatura um esforço superior, e, quando esta satisfaz ao capricho que d'ella exigem, que outra coisa se lhe não póde chamar, é á custa de um trabalho difficil o qual nem todos podem attingir. Este methodo tem ainda contra si um facto de mais alta importancia, é que os alumnos, vendo que não conseguem o que d'elles exigem, desgostam-se e aborrecem a gymnastica; umas vezes por inveja, outras por orgulho e outras por medo do castigo afastam-se do gymnasio sempre que podem, criam-lhe aversão, desanimam.

---

## INSTRUÇÃO PUBLICA

---

ACTA DA SESSÃO DO CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA, REALISADA EM 26 DE ABRIL DE 1891.

Aos quinze dias do mez de Abril de mil oitocentos e noventa e dous, quarto da Republica Brasileira, reuniu-se em sessão ordinaria, as tres horas da tarde, na sala da Directoria Geral da Instrução Publica, sob a presidencia do Sr. Director Dr. Alexandre Vaz Tavares o Conselho Superior composto dos Srs. Drs. Carlos Augusto Valente de Novaes, Basilio Magno d'Araujo, José Luiz Coelho, Capitão Raimundo Joaquim Martins e Professores Raimundo Joaquim Ramos Espindola e Severiano Bezerra d'Albuquerque, faltando D. Anna Augusta Vieira Espindola com participação e os outros Conselheiros sem ella. Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão presente. O Sr. Director apresentou a consideração do Conselho as seguintes petições: da Professora D. Aguida Joaquina Quadros da escola elementar de S. João de Pirabas, municipio de Salinas, pedindo que seja elevada a categoria de primeira entranca a escola sob sua regencia. O Conselho resolveu por unanimidade que não fosse attendida a vista do disposto no § unico do art. 53 do Regulamento Geral em vigor:—da normalista D. Luiza Generosa d'Oliveira, requerendo ser provida effectivamente na cadeira de segunda entranca de Gurupá, visto ter sido professora de terceira entranca e já ter se apresentado n'um concurso em que foi approvada. O Conselho, depois de ter discutido largamente a pretensão d'esta professora resolveu por maioria de votos que a re-

querente não fosse attendida visto não ter direito ao que pede, e evitar-se por esta forma os abusos que adveriam se um concurso aproveitasse a mais de uma cadeira; entretanto pode ella ser aproveitada para reger interinamente a cadeira em questão, caso accete-a n'estas condições:—de diversos moradores de Itacuruçá, districto de Cintra, pedindo a criação d'uma escola elementar onde funciona a escola particular de Antonio de Padua Lisboa de Sant'Anna. Indeferido por falta de verba:—do Conselho escolar de Gurupá pedindo igualmente a criação de cinco escolas elementares nos logares Baquiá, Marajoy, Carrasedo, Pucuruhy e Mojú, d'aquelle municipio. Idem idem:—do Intendente de Vizeu pedindo a transferencia da escola elementar do alto Gurupy para o lugar Seringa. Attendido visto a escola do Alto Gurupy estar acephala e não preencher o fim para que foi creada, como o demonstra a falta dos mappas que os professores são obrigados a enviar trimestralmente á esta Directoria. Foi lido e approvado unanimemente em todos os seus termos o parecer do Dr. Novaes, considerando improcedente a accusação movida pelo Conselho Escolar de Cintra, contra o professor Luiz Narzy da Cunha e Mello d'aquella cidade. O Sr. Director designou o professor Espindola para emittir parecer sobre a accusação formulada pelo Intendente de Aveiros, contra o professor Antonio Pedro Celestino Ferreira d'aquella villa; e o professor Bessera para igual fim, quanto a reclamação do professor João Rodrigues Collares, da cadeira de segunda entranca extincta pelo conselho, na cidade de Santarem. O Sr. Director diz que tendo de realizar-se brevemente o concurso da cadeira de Calligraphia da Escola Normal, torna-se preciso, nos termos do Regulamento d'aquella Escola, o Conselho nomear dous delegados para fiscalisarem a organização dos pontos do respectivo programma e a prova escripta dos candidatos. O Conselho acclamou seus delegados nesse concurso os Srs. Dr. Basilio Magno d'Araujo e Capitão Raimundo Joaquim Martins, Nada mais occorrendo o Sr. Director suspendeu a sessão as quatro horas da tarde e para constar lavrou-se a presente acta que será assignada pelo Sr. Director e Conselheiros presentes. Eu, Manoel Antonio Ferreira de Moraes, Secretario Geral, fil-a escrever e subscrevi — *Dr. Alexandre Vaz Tavares, Raimundo Joaquim Ramos Espindola, Raimundo Joaquim Martins, J. Luiz Coelho, Dr. Carlos Novaes, Severiano Bezerra de Albuquerque.*

---

## CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 21 de Dezembro de 1891

DISCURSO SOBRE A INSTRUÇÃO PUBLICA, PROFERIDO  
PELO DR. ALEXANDRE TAVARES

**O Sr. Alexandre Tavares:**—Sr. presidente, á commissão de instrucção publica d'esta Camara, foi presente um projecto vindo do Senado, sob o n.º 14, em que são propostas algumas modificações aos regulamentos baixados pelo sr. Governador, sobre a instrucção primaria e secundaria do Estado.

A mim se afigura muito mais natural que aquella casa do Congresso, em lugar de approvar de uma só vez e por inteiro esse regulamento, os submettesse á discussão artigo por artigo, fazendo então as alterações que julgasse rasoaveis. Tal como nos foi enviado do Senado o projecto n.º 14 é destinado a ser applicado ao final nem sei mesmo de qual dos regulamentos, si ao geral, si aos particulares, pois que de todos encerra um pedacinho.

Nada obstante, a commissão de instrucção publica, estudando o referido projecto e não concordando com todos os seus pontos, vem sobre elles emittir o seu juizo e propôr-lhe ao mesmo tempo algumas modificações, como passo a expôr e a justificar.

Diz o projecto n. 14:

«Art. 2.º O ensino é leigo sendo o primario gratuito e obrigatorio.»

Sr. presidente, a obrigatoriedade do ensino implica, *ipso facto*, em uma pena co-relativa aos seus infractores. Os nobres Senadores, lembrando-se da primeira, esqueceram-se entretanto da segunda; sem esta não passará aquella letra morta no corpo da Lei.

Encarada por outro lado o assumpto, vemos que a obrigatoriedade torna-se de custosa execussão, attendendo-se a pobreza da grande maioria da população cujas crianças não teem muitas vezes o indispensavel para apresentarem-se decentemente vestidas em uma escola. E esta circumstancia mesma é uma consequencia fatal da uberdade do nosso solo: Os pais de familias, encontrando facilidade na sua manutenção quotidiana, discuidam-se das economias, para o provimentos dos enxovaes dos filhos em idade escolar.

Quererá o Estado encarregar-se d'este supprimento?

Convencida antecipadamente da negativa, mas partidaria da obrigatoriedade do ensino primario, a Commissão de instrucção publica d'esta Camara já propoz, ha dias passados, medidas a este respeito, tendo em mira restringir esta obrigação não só ao sexo masculino como

ao curso elementar do tirocinio das primeiras letras. Quando entrar em discussão essa proposta, talvez eu tenha occasião de explicar melhor o pensamento da sua autora. Por enquanto limito-me a pedir a supressão do art. que acabei de ler-vos.

—Mais adiante em seu art. 5.º, diz o projecto n.º 14:

«As escolas do Estado funcionarão duas vezes por dia; sendo das das 8 ás 11 horas da manhã e das 2 ½ ás 4 ½ da tarde.

A razão que expendeu o nobre relator da commissão do Senado, relativamente a este art., foi que outr'ora admittia-se esta mesma disposição, sem que com isso soffresse nem a saúde das creanças nem o ensino: ao contrario, muito favoravel era a este ultimo.

O SR. PRESIDENTE:—O nobre deputado permitta uma observação: pretende apresentar algum projecto sob o assumpto?

O SR. TAVARES:—Pretendo justificar o parecer da commissão de instrucção publica sobre o projecto n.º 14.

O SR. PRESIDENTE:—Mas já não ha um projecto de V. Exc. mesmo sobre a instrucção?

O SR. TAVARES:—Sim; mas a commissão, tendo de expender a sua opinião a respeito d'este, que pela propria mesa lhe foi enviado, vê-se obrigado a adduzir algumas considerações com relação ao mesmo, propondo, caso mereçam ser acceitas pela casa, algumas emendas.

O SR. PRESIDENTE:—É justamente e que eu acho que está em desaccordo com o Regimento.

Eu julgo que V. Exc. devia requerer que fosse addicionado este ao projecto que temos de discutir; e n'essa occasião apreciaríamos o parecer da commissão a este respeito e sobre o Regulamento: mas não podemos abrir discussão sobre a projecto que ainda não está na casa; accrescendo que o Senado já tomou conhecimento e assim vamos adiantar materia.

O SR. TAVARES:—Sr. presidente, este projecto vindo do Senado, constitue como que um corpo separado. Pode-se, querendo, addicional-o ao outro que foi proposto por esta camara...

O SR. PRESIDENTE:—Parece que é mais regular...

O SR. TAVARES:—...mas eu creio não ser fóra de proposito que, á esta hora de apresentação de pareceres eu fundamente as alterações que a commissão de instrucção publica é accorde em propor sobre o citado projecto.

Si entretanto a mesa julga que com isto roubo tempo á casa...

O SR. PRESIDENTE:—Perdão, eu não disse isso: observei apenas a V. Exc. que me parecia que, havendo já um projecto da mesma commissão sobre o assumpto, apre-

sentar a mesma materia em parecer era prescindivel; mas V. Exc. pode fundamentar o parecer.

O SR. TAVARES:—Sendo-me mantida a palavra, prosigo sobre o art. 4.º que vou ter o cuidado de ler, para sciencia da casa.

«Art. 4.º—Aos conselhos escolares municipaes, entre outras attribuições, incumbe mais o seguinte:

«Presidir os exames de professores elementares e adjuntos de escolas, remettendo as provas do candidato á Directoria Geral, para serem por esta apreciadas, devendo as mesmas provas ser rubricadas pelo conselho».

Esta disposição, que apenas traz commodidades aos candidatos aos lugares de professor elementar e de adjunto, é todavia de grandes inconvenientes ao progresso da instrucção infantil, pelos abusos que se podem introduzir.

Com effeito, si mesmo na capital, sob as vistas do Director Geral da Instrucção Publica, muitas vezes abusos se dão n'este sentido, approvando-se em exames candidatos incompetentes,—o que não se dará no interior do Estado, onde todos são mais ou menos aparentados ou entretêm laços estreitos de amizade? O citado art., pois em vez de garantir só traz atropello á marcha progressiva do ensino primario.

O SR. VICTORIO DE CASTRO:—V. Exc. permite um aparte?

Atropello traz o obrigar-se o candidato a vir prestar exame aqui, perante a Directoria da Instrucção Publica.

O SR. TAVARES:—Sr. presidente, existe no Reg. Geral da Instrucção Publica o art. 114 que marca a época de 15 a 30 de maio de cada anno para estes actos. Que atropello, pois, ha em vir o candidato passar uns 8 ou 10 dias da ultima quinzena de maio, n'esta capital, para submeter-se ás provas?...

O SR. VICTORIO DE CASTRO:—Quantas vezes não vem um candidato, com o fim de prestar exame, e leva um mez a espera de que seja marcado o dia pelo Conselho?!

O SR. TAVARES:—Eis ahi uma censura que não tem o minimo cabimento no caso. Em primeiro lugar acabei de citar o art. regulamentar que precisa uma época para os exames de que estamos fallando; ora, sendo uma disposição de lei, o Conselho não tem attribuições para infringil-a. Em segundo lugar, não é o Conselho que marca os dias para outros exames, de que não fallamos agora, e sim a Directoria da Instrucção Publica.

O SR. VICTORIO DE CASTRO:—V. Exc. ajuiza muito mal do interior.

No interior se faz justiça.

Quem não está no caso não requer exame.

(Continúa)

## MOVIMENTO DAS ESCOLAS PUBLICAS DO ESTADO

Existiram em 31 de dezembro de 1891:

Escolas da 3. <sup>a</sup> entrancia.....	44
» de 2. <sup>a</sup> .....	42
» de 1. <sup>a</sup> .....	128
» elementares.....	194
» nocturnas.....	8 416

que pertencem aos seguintes sexos:

	Masculino	Feminino	Somma
3. <sup>a</sup> entrancia.....	12	32	44
2. <sup>a</sup> » .....	24	18	42
1. <sup>a</sup> » .....	67	61	128
Elementares.....	161	33	194
Nocturnas.....	8		8
	272	144	416

Assim distribuidas:

### Capital

3. <sup>a</sup> entrancia.....	12	32	44
1. <sup>a</sup> « .....	5	7	12
Elementares.....	14	10	24
Nocturnas.....	3		3
Somma	34	49	83

### Interior

2. <sup>a</sup> entrancia.....	24	18	42
1. <sup>a</sup> « .....	62	54	116
Elementares.....	147	23	170
Nocturnas.....	5		5
	238	95	333

A matricula geral e a frequencia média das escolas publicas, no referido anno, foram do seguinte:

	N.º DA ESCOLA		MATRICULA		MEDIA		TOTAL	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Matr.	Med.
3. <sup>a</sup> entrancia	12	32	928	2,279	593	1,491	3,207	2,084
2. <sup>a</sup> «	24	18	1,450	979	1,029	692	2,427	1,721
1. <sup>a</sup> «	67	61	3,307	2,081	2,062	1,428	5,388	3,490
Elementares	161	33	5,295	206	3,700	664	6,201	4,364
Nocturnas..	8		971		178		271	158
	272	144	11,251	6,243	7,652	4,275	17,494	11,817

Pará, 1.º de Março de 1892

MANUEL ETELVINO DE FREITAS.

PARÁ—Typ. DE TAVARES CARDOSO & C.<sup>a</sup>—1892

Travessa de S. Matheus

Editores — Tavares Cardoso & C.<sup>a</sup> — Editores

LIVRARIA UNIVERSAL

JOSE VERISSIMO

# A Educação Nacional

Introdução — A Educação Nacional — As Características Brasileiras — A Educação do Character — A Educação Physica — A Geographia Patria e a Educação Nacional — A Historia Patria e a Educação Nacional — Brazil e Estados- Unidos — Conclusão.

1 volume 3\$000 réis

Os Editores encarregam-se de remetter pelo correio, registrados ou não, conforme as ordens, qualquer d'estes volumes, mediante 10 % sobre os preços marcados.

Pará — LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.<sup>a</sup> — Brazil

RUA DO CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

## AS PILULAS ANTI-FEBRIS

DO

**Dr. Souza Castro, Barão de Anajás**

CURAM AS SESÕES E SUAS CONSEQUENCIAS, O RHEUMATISMO INFECCIOSO, ETC. SÃO AS MAIS BARATAS

## Agua alcalino arsenical lithinada

DO

**Barão de Anajás**

É vantajosamente empregada no tratamento da diabetes, nephrite, affecções da pelle, rheumatismo, molestias dos pulmões e do aparelho gastro-intestinal, anemia e nevrose em geral.

Deposito na Tr. 7 de Setembro n. 20, escriptorio de J. Taveira.

## Productos da Chocolateria Paraense

Chocolate fino, superfino e especiaes, preços de meio kilo — 900 réis a 2\$000 réis.

Cacão pulverisado 250 grammas 1\$000 réis; 500 grammas 1\$900 réis.

Manteiga de cacão, kilo 4\$000 réis.

Farinha de castanha, kilo 1\$500 réis.

Azeite doce refinado de castanha para mesa e cosinha, garrafa 1\$500 réis.

## Chocolate Paraense Iodado

*Approvado pela Inspectoria de Hygiene e por ella aconselhado ás pessoas debilitadas, convalescentes, ás quaes soffrem de molestias pulmonares e outras affecções dyscrasicas e adynamicas.*

### Remedio efficaz

Attestamos que em nossa clinica temos obtido bons resultados do emprego do *Chocolate Paraense Iodado*, preparado na Chocolateria Paraense, nos casos de tísica pulmonar, chlorose e chloroanemia, anemia em geral, rachitismo, escrophulas, affecções dos ossos, debilidade geral e convalescências.

Recommendamos, pois, este excellente preparado como um reconstituente poderoso, e que pode ser usado sem inconveniente por qualquer pessoa.

Pará, 16 de Outubro de 1891.

*Barão de Anajás.*

*Dr. Luiz Bahia.*

*Dr. Americo M. Santa Rosa.*

*Dr. Silva Rosado.*

*Dr. Pereira de Barros.*

*Barão da Matta Bacellar.*

Deposito Central a estrada de S. José n. 69.